

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

LARISSA PAULINO

**A GESTÃO DE CUSTOS NA EMPRESA DE ENGENHARIA ELÉTRICA
LOCALIZADA EM ARARANGUÁ-SC**

CRICIÚMA

2017

LARISSA PAULINO

**A GESTÃO DE CUSTOS NA EMPRESA DE ENGENHARIA ELÉTRICA
LOCALIZADA EM ARARANGUÁ-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Esp. Manoel Vilsonei Menegali

CRICIÚMA

2017

LARISSA PAULINO

**A GESTÃO DE CUSTOS NA EMPRESA DE ENGENHARIA ELÉTRICA
LOCALIZADA EM ARARANGUÁ-SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de bacharel, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em Contabilidade de Custos.

Criciúma, 04 de Julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Manoel Vilsonei Menegali – Esp. - UNESC - Orientador

Alex Sander Bristot de Oliveira – Esp. - UNESC – Examinador

Patriele de Faveri Fontana – Esp. - UNESC – Examinadora

Dedico este trabalho à minha família e amigos pela compreensão, paciência e incentivo. E aos professores que contribuíram na minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo, principalmente por estar presente em minha vida todos os dias, por me conceder sabedoria, saúde, força e determinação para concluir este trabalho, sempre me guiando ao longo desta caminhada.

Aos meus pais Geraldo e Rosângela, meus maiores exemplos de vida, os quais eu amo muito e tenho imensa gratidão, pelo amor, educação, conselhos e apoio que me deram e por me incentivarem em todos os momentos, sem eles eu não seria nada.

À minha irmã Liviane, que me conhece melhor do que ninguém, que sempre está ao meu lado disposta a me ouvir, apoiar e aconselhar, agradeço pela paciência e compreensão.

Aos meus amigos pela paciência e compreensão, por sempre me apoiarem, principalmente nas horas de desespero, por me ouvirem, aconselharem e sempre me incentivarem.

A todos os meus colegas que estiveram comigo nesses quatro anos e meio, que apesar das diferenças, sempre fomos uma turma unida. E em especial minha amiga Suélen Leopoldo, juntas desde o primeiro dia de aula.

À Universidade e a todos os professores que passaram pelo curso nesse período, pelo conhecimento e experiências compartilhadas, pela paciência e compreensão e pelos conselhos de valor inestimável para a formação de bons profissionais, por sempre nos encorajarem a sermos melhores a cada dia, pessoal e profissionalmente.

À professora Kátia Aurora Dalla Líbera Sorato, orientadora durante a etapa do projeto deste trabalho.

Em especial, ao meu orientador Manoel Vilsonei Menegali, pela responsabilidade, sabedoria, apoio e incentivo, pelo tempo dedicado a me orientar, sua colaboração foi fundamental para enriquecer ainda mais este trabalho.

Agradeço também aos meus tios por disponibilizarem todas as informações sobre a empresa, necessárias para o meu trabalho de conclusão de curso e outros trabalhos no decorrer do curso.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma se fizeram presente nesta jornada e contribuíram para que esta etapa fosse concretizada.

“Tenha metas. Uma vida sem objetivos é uma existência triste, pois o homem é um ser, historicamente, movido a desafios”

Renato Collyer

RESUMO

PAULINO, Larissa. **A gestão de custos na empresa de engenharia elétrica localizada em Araranguá-SC.** 53 p. Orientador: Esp. Manoel Vilsonei Menegali. Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma – SC.

O presente trabalho tem como objetivo especificar os custos e a lucratividade dos serviços prestados de uma empresa de engenharia elétrica, localizada no município de Araranguá-SC. A contabilidade gerencial é a base de uma administração segura, como ferramenta contribui na gestão dos custos, e gera informações para obter o valor do retorno do investimento. Para a empresa desenvolver-se, é importante obter um bom controle dos custos dos serviços. Para a elaboração do estudo, foi feita uma pesquisa descritiva, pois se constitui na aplicação de procedimentos bibliográficos e uma abordagem qualitativa de informações. Os procedimentos utilizados foram pesquisa bibliográfica e estudo de caso por meio de coleta de dados necessários para a identificação dos custos da prestação de serviço, esses dados foram obtidos com o gerente administrativo da empresa e com o escritório de contabilidade responsável pela contabilidade da mesma. Identificou-se que a prestação de serviços apresenta um gasto com mão-de-obra direta de 45,39% dos recursos consumidos pelas atividades. O retorno sobre o investimento do 4T2016, resulta em 37,86%. Conclui-se que esta prestadora de serviços tem os seus maiores gastos relacionados a mão-de-obra e que o método de custeio variável é uma excelente ferramenta para a tomada de decisão na gestão da empresa.

Palavras-chave: Custos. Retorno sobre o Investimento. Prestação de Serviços.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Síntese das definições básicas	16
Figura 2 – Representação gráfica do comportamento dos custos fixos e variáveis. .	23
Figura 3 – Esquema do método de custeio variável.....	27
Figura 4 – Componentes da análise CVL.....	29
Figura 5 – Retorno sobre investimento operacional	32
Figura 6 – Giro do investimento	32
Figura 7 – Lucratividade	32
Figura 8 – Prestação de serviços.	36
Figura 9 – Estrutura organizacional da empresa.....	37
Figura 10 – Fluxograma	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais classificações de custos.....	20
Quadro 2 – Classificação dos custos quanto ao volume produzido.	22
Quadro 3 – Vantagens e desvantagens do custeio por absorção.	25
Quadro 4 – Conceito dos diferentes tipos de ponto de equilíbrio	30
Quadro 5 – Principais clientes.....	38
Quadro 6 – Custos variáveis	40
Quadro 7 – Despesas variáveis	40
Quadro 8 – Custos fixos	41
Quadro 9 – Despesas fixas	41
Quadro 10 – Demonstrativo de resultado.....	42
Quadro 11 – Margem de contribuição	44
Quadro 12 – Ponto de equilíbrio contábil	44
Quadro 13 – Ponto de equilíbrio financeiro	45
Quadro 14 – Ponto de equilíbrio econômico	45
Quadro 15 – Margem de segurança.....	46
Quadro 16 – Índice da margem de contribuição.....	46
Quadro 17 – Índice dos gastos variáveis	46
Quadro 18 – Retorno sobre o investimento operacional	47
Quadro 19 – Giro do Investimento	47
Quadro 20 – Lucratividade	47
Quadro 21 - Análise geral da empresa prestadora de serviços.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Activity Based Costing
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina
CVL	Custo/Volume/Lucro
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
LTDA	Limitada
MC	Margem de Contribuição
MS	Margem de Segurança
PE	Ponto de Equilíbrio
PEC	Ponto de Equilíbrio Contábil
PEE	Ponto de Equilíbrio Econômico
PEF	Ponto de Equilíbrio Financeiro
RIO	Retorno sobre Investimento Operacional
ROI	<i>Return On Investment</i>
S.A	Sociedade Anônima
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA, PROBLEMA E QUESTÃO PROBLEMA	12
1.2 OBJETIVOS	13
1.3 JUSTIFICATIVA	13
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 CONTABILIDADE DE CUSTOS	15
2.2 TERMINOLOGIA DE CUSTOS	16
2.2.1 Gastos	17
2.2.2 Investimentos	17
2.2.3 Perdas	18
2.2.4 Despesa	18
2.2.5 Custos	19
2.2.6 Desembolso	19
2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS CUSTOS	20
2.3.1 Quanto à facilidade de identificação no produto	20
2.3.1.1 Direto	21
2.3.1.2 Indireto	21
2.3.2 Quanto ao volume de produção do período	22
2.3.2.1 Custos fixos	23
2.3.2.2 Custos variáveis	24
2.4 MÉTODOS DE CUSTEIO	24
2.4.1 Custeio por absorção	25
2.4.2 Custeio baseado em atividades (<i>Activity Based Costing</i> – ABC)	26
2.4.3 Custeio variável	26
2.4.3.1 Vantagens e desvantagens do custeio variável	28
2.5 ANÁLISE CUSTO/VOLUME/LUCRO (CVL)	28
2.5.1 Margem de contribuição (MC)	29
2.5.2 Ponto de equilíbrio (PE)	30
2.5.3 Margem de segurança (MS)	31
2.6 RETORNO SOBRE INVESTIMENTO OPERACIONAL (RIO)	31
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	34

3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	34
3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	35
4 ESTUDO DE CASO	36
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA.....	36
4.1.1 Histórico.....	36
4.1.2 Estrutura organizacional	37
4.1.3 Serviços prestados	37
4.1.4 Clientes	38
4.1.5 Contabilidade e regime tributário	38
4.2 FLUXOGRAMA	39
4.3 DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO.....	40
4.3.1 Custos variáveis.....	40
4.3.2 Despesas variáveis	40
4.3.3 Custos fixos.....	41
4.3.4 Despesas fixas	41
4.3.5 Análise do resultado	42
4.4 ANÁLISE CUSTO/VOLUME/LUCRO	43
4.4.1 Margem de contribuição	43
4.4.2 Ponto de equilíbrio	44
4.4.3 Margem de segurança.....	45
4.5 RETORNO DO INVESTIMENTO OPERACIONAL	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta o tema e o problema da pesquisa juntamente com objetivo geral e os específicos. Na sequência é descrita a justificativa da pesquisa, e por último, a estrutura do estudo.

1.1 TEMA, PROBLEMA E QUESTÃO PROBLEMA

Com o desenvolvimento tecnológico e o crescimento do mercado, as organizações se deparam com uma competitividade cada vez maior. Por isso, precisam estar sempre se adequando aos novos cenários. Diante da atual situação, as empresas estão sempre em busca do aperfeiçoamento da qualidade dos produtos e serviços prestados, buscando o menor custo, com o objetivo de conseguir uma lucratividade maior com um serviço de qualidade.

Os primeiros traços da contabilidade de custos aparecem em empresas comerciais, instituições financeiras e nas indústrias, com a apuração de resultados, mensuração e controle dos estoques. Nas últimas décadas a contabilidade de custos vem evoluindo cada vez mais, principalmente na gestão dos custos como instrumento de suporte na tomada de decisões dos gestores das empresas. Com o desenvolvimento da sociedade e da economia, a contabilidade de custos também passou a ser usada na prestação de serviços.

A contabilidade como ferramenta contribui em diversos casos, inclusive na identificação dos custos, para poder chegar ao valor do retorno do investimento, ou seja, quanto do capital investido está trazendo de lucratividade para a empresa. Para que a empresa se desenvolva, é importante obter um bom controle dos custos dos serviços.

Observa-se que as micro e pequenas empresas muitas vezes acham que por serem empresas pequenas, é desnecessário ter um sistema de custos, porém a falta de informações para a tomada de decisão pode tornar a gestão de custos falha.

Em algumas empresas os gestores não têm muito conhecimento e controle dos custos dos produtos e/ou serviços oferecidos, pois usam a contabilidade apenas para cumprir as exigências fiscais, por isso é importante conhecer os custos relacionados aos serviços prestados. Toda empresa precisa identificar com precisão seus custos, para ter conhecimento do retorno do

investimento.

Deste modo, este trabalho consiste em uma avaliação dos custos da prestação do serviço de uma empresa de engenharia elétrica, situada no município de Araranguá, no estado de Santa Catarina. Neste contexto, tem-se a seguinte questão problema: Quais os custos envolvidos na prestação de serviços de uma empresa de engenharia elétrica?

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho consiste em especificar os custos e a lucratividade dos serviços prestados de uma empresa de engenharia elétrica.

Para atingir o objetivo geral têm-se os seguintes objetivos específicos:

- Levantar informações sobre os serviços prestados pela empresa em estudo;
- Identificar os custos que envolvem os serviços prestados;
- Calcular o retorno do investimento na prestação dos serviços.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa aborda um tema fundamental para a continuidade e lucratividade das empresas, especificar os custos envolvidos na prestação do serviço e assim poder calcular o retorno do investimento operacional.

O controle dos custos é imprescindível atualmente, pois o mercado está cada vez mais competitivo. A execução deste trabalho é importante para auxiliar os gestores na tomada de decisão, e para isso, é extremamente necessário conhecer os custos do serviço.

Com relação à contribuição teórica, este trabalho reunirá diversos materiais sobre o tema, ressaltando a importância da contabilidade de custos nas empresas. Sob o ponto de vista prático, este estudo visa identificar os custos envolvidos na prestação do serviço, separar em dois grupos, fixos e variáveis, e assim poder calcular quanto do capital investido está resultando de lucratividade para a empresa.

A pesquisa possibilitará à empresa melhores condições de gerir seus recursos financeiros, controlar gastos, conhecer custos e saber qual a sua lucratividade.

A relevância social ocorre porque o estudo contribuir para o desenvolvimento de uma empresa de engenharia elétrica, auxiliando-a na tomada de decisão em relação aos custos do serviço e assim ajudando-a a crescer. Com isso, poderá contribuir para gerar maior empregabilidade para a região onde a empresa está inserida.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Finalizando o capítulo introdutório, este estudo será organizado de acordo com as seguintes etapas: fundamentação teórica, onde será abordado o tema e subtema da pesquisa, trazendo os principais conceitos da contabilidade de custos, sua classificação, seus métodos de custeio, análise custo/volume/lucro e o retorno do investimento. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos com o método, abordagem, objetivos, estratégia e técnicas de pesquisa. Posteriormente é apresentado o estudo de caso, evidenciando na prática a fundamentação. Por fim, são apresentadas as considerações finais e sugestão para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo é apresentado o embasamento teórico utilizado na pesquisa. Inicia-se o capítulo caracterizando-se a contabilidade de custos, a terminologia usada em custos e a sua classificação. Na sequência mostra os métodos de custeio, e a análise de custo, volume e lucro.

2.1 CONTABILIDADE DE CUSTOS

Desde o início do capitalismo, a necessidade do controle fez com que a apuração de custos ganhasse importância, pois era por meio da contabilidade de custos que o comerciante sabia se estava lucrando com o seu negócio (SANTOS, 2005).

Segundo Santos (2000), está sujeita ao controle de custo qualquer atividade que manipule valores. O lucro ou o excedente da receita sobre o custo representa uma questão de sobrevivência empresarial. Por isso, se a empresa não souber seu valor, não saberá se está ganhando ou perdendo.

A busca pela obtenção de melhores resultados é constante. Por esse motivo é de grande importância fazer uso de ferramentas que auxiliem a ter uma maior exatidão dos custos que envolvem suas atividades.

De acordo com Martins (2006, p. 22.) “resumindo, a Contabilidade de Custos acabou por passar, nessas últimas décadas, de mera auxiliar na avaliação de estoques e lucros globais para importante arma de controle e decisões gerenciais”.

Crepaldi (2002, p. 01) complementa que “Contabilidade de custos é considerada uma técnica utilizada por empresas com o objetivo de identificar, mensurar e apresentar os custos dos produtos ou serviços oferecidos. Sua função principal é fornecer à administração, informações que auxiliem na tomada de decisões”.

A contabilidade de custos teve um avanço favorável nos últimos tempos, se tornando uma ferramenta de auxílio para a gestão das empresas, gerando informações precisas e confiáveis, ajudando na sobrevivência da empresa no mercado e na tomada de decisão.

2.2 TERMINOLOGIA DE CUSTOS

Para uma melhor compreensão da contabilidade de custos é fundamental estudar a terminologia e seus conceitos específicos, pois há uma distinção entre eles e é necessário saber identificá-los para poder aplicar na gestão de custos.

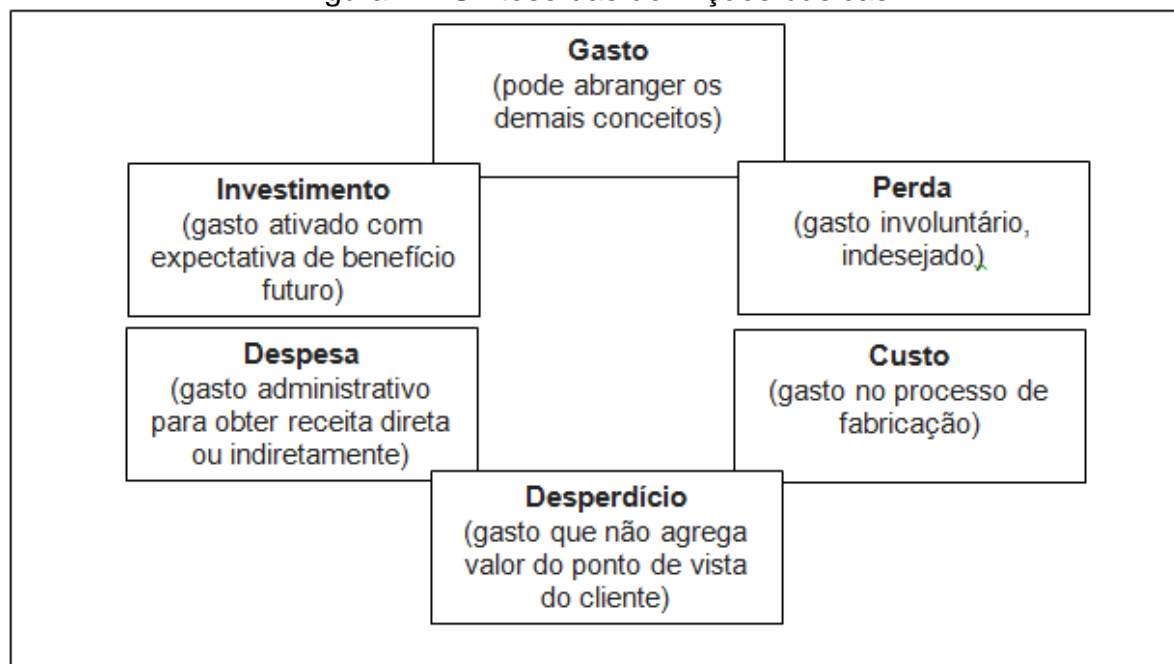
Desse modo, segundo Bruni e Famá (2004), faz-se necessário abordar os principais conceitos técnicos e terminologias que conduzem a contabilidade geral, mais especificamente termos utilizados na contabilidade de custos.

De acordo com Martins (2010), quando duas pessoas resolvem comunicar-se, é extremamente necessário que passem a dar aos objetivos, conceitos e ideias o mesmo nome, sob pena de, no mínimo, reduzir-se o nível de entendimento.

Wernke (2005, p. 03) complementa que "A interpretação inadequada de várias definições encontradas na literatura contábil ou administrativa pode levar o administrador a equivocar-se quanto aos fatores que sejam classificáveis como gastos, investimentos, despesas, perdas, desperdícios e custos".

Na Figura 1 mostram-se alguns dos termos e seus conceitos usados em custos.

Figura 1 – Síntese das definições básicas



Fonte: Wernke (2005, p. 5).

Cada terminologia possui sua devida importância nas atividades da

empresa. A seguir, abordam-se cada uma delas.

2.2.1 Gastos

O termo gastos é utilizado para descrever as ocorrências nas quais a empresa gasta recursos ou contrai uma dívida com terceiros. É um conceito abrangente e pode englobar outros termos comuns na área de custos, ou seja, um gasto pode ser relacionado a algum investimento ou forma de consumo de recursos (WERNKE, 2005).

Segundo Martins (2010), gastos são a aquisição de um produto ou serviço qualquer, que gera sacrifício financeiro para a entidade, representado por entrega ou promessa de entrega de ativos.

Alguns gastos podem ser definidos de acordo com Bruni e Famá (2004, p. 24) “como investimentos e, à medida que forem consumidos, receberão a classificação de custos ou despesas”.

Observa-se que o termo gasto deve ser utilizado quando bens ou serviços forem adquiridos. Após serem utilizados, a empresa deve classificá-los como custo, despesa ou investimento.

2.2.2 Investimentos

Para Santos (2005, p. 25) investimentos “são todos os bens e direitos registrados no ativo das empresas para baixa em função de venda, amortização, consumo, desaparecimento, perecimento ou desvalorização”.

Schier (2004, p.14) ressalta “que investimento é o sacrifício que ocorre na aquisição de bens ou serviços que são estocados nos ativos da empresa para baixa ou amortização quando de sua venda, consumo ou desvalorização”.

Martins (2010, p. 25) complementa afirmando que investimento é o “gasto ativado em função da sua vida útil ou de benefícios atribuíveis a futuro(s) período(s)”.

Investimentos são aquisições de ativos que têm por objetivo gerar benefícios futuros.

2.2.3 Perdas

Perdas são ocorrências que fogem da normalidade das operações da empresa, bens ou serviços gastos de forma indesejada ou involuntária.

O conceito de perdas abrange as ocorrências ocasionais, indesejadas ou involuntárias no ambiente das operações de uma empresa, são operações que não fazem parte da normalidade das operações da entidade e não devem ser consideradas integrantes dos custos de fabricação dos produtos (WERNKE, 2005).

Padoveze ressalta (2009) que perdas são fatos ocorridos em situações ocasionais que fogem a normalidade da empresa. Não faz parte do custo de produção dos produtos, são fatos econômicos negativos ao patrimônio empresarial, tais como perdas de créditos excepcionais.

Martins (2003, p. 26) complementa que, “não se confunde com a despesa (muito menos com o custo), exatamente por sua característica de anormalidade e involuntariedade; não é um sacrifício com intenção de obtenção de receita”.

Concluí-se que quando ocorre o consumo anormal e involuntário de produtos ou serviços, este deverá ser nomeado como perda.

2.2.4 Despesa

São todos os bens ou serviços consumidos de forma direta ou indireta para a obtenção de receita. São reconhecidas apenas na ocorrência do fato gerador.

O conceito de despesa abrange o valor despendido voluntariamente com bens ou serviços utilizados para obter receita, seja de forma direta ou indireta. São gastos ligados às atividades gerenciais da empresa (WERNKE, 2005).

De acordo com Dubois, Kulpa e Souza (2006, p.16), “uma característica das despesas é que elas são reconhecidas apenas no momento do seu uso, ou seja, na ocorrência do fato gerador”.

Martins (2010) descreve que despesa é um bem ou serviço gasto direto ou indiretamente para obtenção de receitas. Exemplo disso é a comissão de um vendedor, que a princípio é um gasto para a empresa onde imediatamente se transforma em despesa.

Concluindo, as despesas representam os gastos para aquisição de bens ou serviços destinados as áreas de administração das empresas.

2.2.5 Custos

Custos são os bens ou serviços consumidos na produção de outros bens e/ou serviços.

Custo significa o valor monetário de recursos utilizados no processo de elaboração de um bem ou serviço. É todo gasto que representa a aquisição de um bem ou serviço usado na produção, o custo somente ocorre na atividade produtiva (DUBOIS; KULPA; SOUZA, 2006).

Conforme Bruni e Famá (2004) os custos são representados pelos gastos ligados nos bens ou serviços utilizados na produção de outros bens ou serviços. Deste modo, estão associados aos produtos ou serviços produzidos pela empresa. Como exemplo pode citar os gastos com matérias-primas, embalagens, mão-de-obra fabril, aluguéis, seguros de instalação fabris e etc.

Megliorini (2007, p. 7) acrescenta que “Custos: correspondem à parcela dos gastos consumida no ambiente fabril para a fabricação do produto, pela aquisição de mercadorias para revenda e para a realização de serviços”.

Desta forma, custo é todo e qualquer valor monetário de recursos que foram utilizados no processo de produção ou de elaboração de um bem ou serviço comercializado.

2.2.6 Desembolso

Desembolso conceitua-se pelo pagamento de um bem ou serviço, é uma saída de ativo disponível da entidade.

De acordo com Martins (2003) o desembolso é independente da aquisição do bem ou serviço, pode ocorrer antes, durante ou depois da entrada da mercadoria ou execução do serviço.

Segundo Berti (2006, p. 20) desembolso “é o pagamento resultante de uma compra (aquisição) de um bem ou de um serviço. É a saída financeira da empresa, entrega de ativos a terceiros”.

De acordo com a teoria de Crepaldi (2002), o desembolso é o pagamento realizado referente à aquisição de um bem ou serviço. Ou seja, é o gasto financeiro e saída de dinheiro da empresa.

Sendo assim, o desembolso representa a saída de recursos do caixa da

entidade para o pagamento da aquisição de um bem ou serviço.

2.3 CLASSIFICAÇÃO DOS CUSTOS

Os custos são classificados de diferentes formas, assim, é possível alocar a cada produto o seu custo correspondente. Os custos são classificados em dois grupos, o primeiro é quanto à facilidade de identificação no produto, e o segundo é quanto ao volume de produção do período.

Para um melhor entendimento, apresenta-se no Quadro 1 as principais classificações de custos.

Quadro 1 – Principais classificações de custos

Classificação	Categorias	
Quanto à facilidade de identificação no produto	Diretos	Indiretos
Quanto ao volume produzido no período	Variáveis	Fixos

Fonte: Wernke (2005, p. 7).

Essa classificação facilita a aplicação das ferramentas gerenciais de análises de preços. A seguir, são apresentadas essas classificações.

2.3.1 Quanto à facilidade de identificação no produto

Os custos poderão ser valorizados em função de certas medidas de consumo, ou ainda, de forma arbitrária, como rateios ou estimativas. Este tipo de classificação é o mais utilizado em relação aos bens e/ou serviços produzidos pela empresa (DUBOIS; KULPA; SOUZA, 2006).

Em relação à identificação aos produtos os custos podem ser classificados em dois grupos, diretos e indiretos. Os custos diretos são de fácil mensuração e está ligado diretamente ao produto, enquanto os custos indiretos não se têm uma identificação clara e não está ligado diretamente ao produto, sendo necessário o uso do rateio (SCHIER, 2004).

Os custos quanto à facilidade de identificação no produto são classificados em dois grupos: direto e indireto.

2.3.1.1 Direto

Os custos diretos abrangem os custos destinados exclusivamente à fabricação do produto, são os gastos, fácil ou diretamente, atribuíveis a cada produto fabricado no período. Por suas características próprias e objetividade de identificação no produto pronto, esses gastos são atribuídos aos artigos produzidos por medições ou por controles individuais, sem a necessidade de se recorrer a algum tipo de rateio mais complexo (WERNKE, 2005).

Dubois, Kulpa e Souza (2006) comentam que os custos diretos podem ser apropriados de maneira objetiva aos produtos elaborados, pois durante a sua fabricação há uma forma clara de medição de seu consumo.

Os custos diretos são os produtos de fácil identificação, onde consegue-se mensurar em que material deve ser apropriar o custo, e não há a necessidade de rateios (BOMFIM E PASSARELI, 2006).

Custos diretos são identificados com facilidade e alocados em seus produtos de forma objetiva. Um exemplo neste caso é a matéria-prima em processo fabril e a mão de obra.

2.3.1.2 Indireto

Diferente dos custos diretos, os custos indiretos não são facilmente identificados, são aqueles incorridos dentro do processo de produção e que precisam de um critério de rateio para a sua apropriação aos produtos.

Os custos indiretos são custos apropriados de forma indireta aos produtos. Necessitam de alguns cálculos para serem distribuídos aos diferentes produtos fabricados pela empresa, uma vez que são de difícil mensuração e apropriação a cada produto elaborado (DUBOIS; KULPA; SOUZA, 2006).

Para Wernke (2005) os custos indiretos abrangem os custos em que há dificuldades em alocá-los às unidades de produtos fabricados no período. Todos os gastos fabris estão ligados à produção de vários produtos ao mesmo tempo, sem relação exclusiva com determinado produto. A atribuição dos custos indiretos aos objetos acontece por intermédio de rateios, que consistem na divisão do montante de determinado tipo de custos entre produtos ou serviços utilizando um critério qualquer, como o volume fabricado por produto ou o tempo de fabricação

consumido.

“Os custos indiretos diferentes dos custos diretos se fazem necessário o uso do rateio na apropriação do material, somente dessa forma é que estimado o custo para cada produto” (BOMFIM E PASSARELI, 2006, p. 54).

Custos indiretos são identificados com dificuldade e para serem alocados em seus produtos, necessitam de rateio. Um exemplo neste caso são os seguros e aluguéis da fábrica.

2.3.2 Quanto ao volume de produção do período

Dubois, Kulpa e Souza (2006, p. 28) relatam que, “a classificação dos custos em função do volume de produção dará ênfase às quantidades elaboradas de cada um dos produtos”.

Bruni e Famá (2004) complementam afirmando que esta classificação está ligada diretamente ao volume produzido no período e permite analisar variações nos custos totais e unitários de acordo com as diferentes quantidades de produção.

Em relação ao volume de produção do período, os custos podem ser classificados como fixos ou variáveis. O Quadro 2 traz a classificação dos custos quanto ao volume de produção.

Quadro 2 – Classificação dos custos quanto ao volume produzido.

Classificação	Definições	Exemplo
Custos Fixos	Aqueles cujos valores tendem permanecer constantes, mesmo havendo alteração nas atividades operacionais.	- Aluguel de fábrica ou loja - Energia elétrica - IPTU - Taxas
Custos Variáveis	Aqueles cujo total do período está proporcionalmente relacionado com o volume de produção: quanto maior for a produção maior serão os custos variáveis do período.	- Matéria-prima - Comissões de vendas

Fonte: Adaptado de Wernke (2011, p. 9).

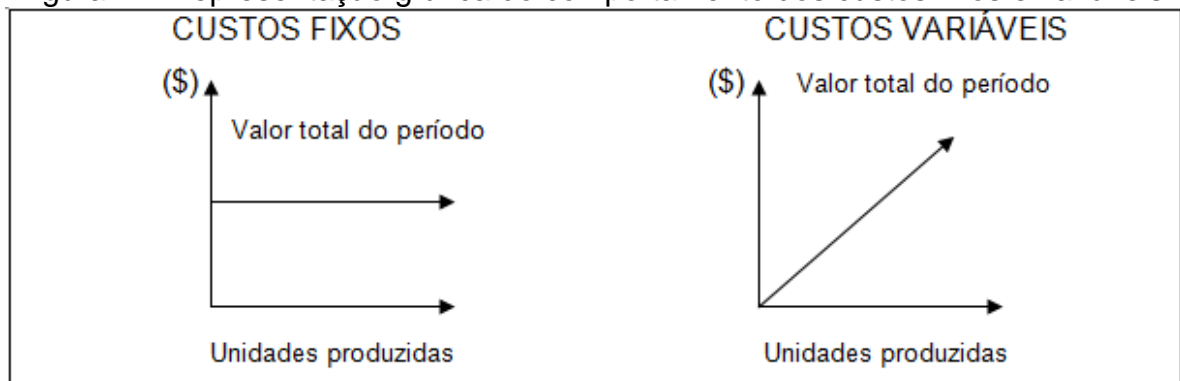
De acordo com Wernke (2005, p. 8), “custos fixos são aqueles cujos

valores totais tendem a permanecer constantes (“fixos”) mesmo havendo alterações no nível de atividades operacionais do período”.

Para Souza e Clemente (2007, p. 27) “custos variáveis são todos os custos que variam proporcionalmente ao nível de atividade. Esses custos dependem do nível de atividades (volume produzido ou volume vendido) por período”.

A Figura 2 apresenta o comportamento dos custos fixos e variáveis.

Figura 2 – Representação gráfica do comportamento dos custos fixos e variáveis.



Fonte: Adaptado de Wernke (2005, p. 9).

O que diferencia o custo variável do custo fixo, é que o primeiro varia de acordo com seu nível de atividade ou produção, já o segundo não depende do seu volume de produção ou atividades.

2.3.2.1 Custos fixos

Custos fixos são os custos cujos valores totais permanecem constantes (fixos), mesmo quando houver alteração no nível de atividades operacionais no período. São os custos que tem seu montante fixado independente de oscilações na atividade fabril, não possuindo qualquer vinculação com a redução ou aumento das unidades produzidas no mês. Relacionam-se com a capacidade instalada, ou com a estrutura física da empresa, sendo seu valor total desvinculado do volume produzido, o custo fixo continua existindo independente de a empresa estar produzindo ou não no período (WERNKE, 2005).

Para Stark (2007, p. 54) “os custos de uma estrutura da empresa, que não guardam qualquer relação com o volume de atividade do período são denominados fixos”.

De acordo com Megliorini (2007) custos fixos são aqueles gastos que

decorrem da manutenção da estrutura produtiva da empresa, independentemente da quantidade produzida.

Conclui-se que custos fixos são os gastos que permanecem fixos, independente da quantidade produzida no período, pois não dependem da produção, são exemplos destes custos: aluguel da fábrica, seguro da fábrica, IPTU, entre outros.

2.3.2.2 Custos variáveis

Custos variáveis são os custos cujo valor altera-se diretamente em função das atividades da empresa. Quanto maior a produção, maior serão os custos, pois o consumo será maior. São exemplos destes custos os gastos com matéria-prima, embalagens, entre outros (BRUNI; FAMÁ, 2004).

De acordo com Santos, Schmidt, Pinheiro e Nunes (2006, p. 62), “Consideram-se custo variável todos os custos cujo total depende do nível de atividade, isto é, crescem ou decrescem junto com o nível de atividade, porém não sempre na mesma proporção”.

Para Martins (2010, p. 50), “quanto maior a quantidade produzida, maior seu consumo e portando dentro de uma unidade de tempo (mês, por exemplo), o valor do custo com tais materiais varia de acordo com o volume de produção”.

Portanto, classifica-se como custo variável, aqueles que são diretamente ligados à quantidade produzida e se alteram conforme a quantidade de produção aumenta ou diminui, ou seja, quanto maior for a quantidade produzida, maior serão os custos variáveis.

2.4 MÉTODOS DE CUSTEIO

Segundo Crepaldi (2004, p. 223) método de custeio “é o método usado para a apropriação de custos. [...] Custeio ou custeamento são métodos de apuração de custos, maneiras segundo as quais procederemos a acumulação e apuração dos custos”.

Método é o caminho para chegar aos resultados pretendidos, custeio significa atribuir valor de custo a um serviço, mercadoria ou produto (WERNKE, 2005).

Método de custeio é usado para apropriar os custos de uma empresa.

Cada método tem suas diferenças e cabe a empresa averiguar qual se adapta melhor às suas necessidades. Dentre os sistemas existentes, estão o custeio por absorção, o custeio direto ou variável e o baseado em atividades (*Activity Based Costing* – ABC).

2.4.1 Custeio por absorção

O custeio por absorção é um dos métodos mais utilizados. Este método caracteriza-se por apropriar todos os custos diretos, indiretos, fixos e variáveis ao produto ou serviço.

No método de custeio por absorção, todos os custos indiretos de fabricação são incluídos no custo do produto. Nesse sistema de custeio, a diferença entre o custo de absorção e o preço final é denominada lucro bruto ou margem bruta. A margem bruta deve cobrir todas as despesas da empresa e contribuir para a formação do lucro (SANTOS; SCHMIDT; PINHEIRO, 2006).

É importante salientar que as perdas e despesas são excluídas na hora do custeio, pois se forem confundidas com custos, poderá ocorrer uma distorção no lucro bruto da empresa.

Conforme Berti (2006), este método consiste em apurar o custo de bens, atribuindo-se integralmente a cada unidade produzida os custos ocorridos no processo de produção, nele os custos diretos são atribuídos aos produtos por meio das quantidades efetivamente consumidas de recursos.

No Quadro 3, explanam-se algumas das vantagens e desvantagens do método de custeio por absorção.

Quadro 3 – Vantagens e desvantagens do custeio por absorção.

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> - Atende à legislação e deve ser usado quando a empresa busca o uso do sistema integrado à contabilidade; - Permite a apuração do custo por centro de custo [...] -Ao absorver todos os custos de produção permite a apuração do custo total de cada produto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessita de rateio para distribuir os custos entre os departamentos e/ou produtos; - Os critérios de rateio podem distorcer o resultado, penalizando alguns produtos e beneficiando outros; - Este método é falho como instrumento gerencial de tomada de decisão, devido a necessidade de critério para rateio dos custos.

Fonte: Adaptado de Wernke (2004, p. 21).

Analisando as vantagens e desvantagens apresentadas no quadro acima, o método de custeio por absorção atende as exigências fiscais, mas não é aconselhado utilizá-lo como ferramenta para a tomada de decisões, pois tem que passar pelo critério de rateios para distribuir os custos para cada unidade, podendo assim distorcer os resultados.

2.4.2 Custeio baseado em atividades (*Activity Based Costing* – ABC)

O método de custeio baseado em atividades, conhecido como ABC (*Activity-Based Costing*), tem se apresentado como um grande avanço nas metodologias de custeio, pois identifica e separa os custos por atividades, buscando minimizar as distorções ocorridas durante o rateio dos custos indiretos.

Para Berti (2006, p. 73) o ABC “é um método de custeio que visa dar um tratamento nos custos indiretos tendo como base as atividades da empresa, independente da sua relação com volume”.

O método ABC caracteriza-se pela identificação dos gastos das diversas atividades desempenhadas pela empresa, após a identificação, busca-se conhecer os recursos consumidos no período, posteriormente atribuem-se os valores de cada atividade aos produtos com base no consumo efetivo das atividades pelos itens produzidos no período (WERNKE, 2005).

Esse método é considerado uma ferramenta de gestão importante, pois busca afinar o custeamento de modo a mensurar os custos fixos/indiretos sobre as atividades que lhe deram origem, ajudando na hora da tomada de decisões.

2.4.3 Custeio variável

Também conhecido como custeio direto, este método, diferente do custeio de absorção, considera apenas os custos variáveis, os que podem ser identificados com facilidade nos produtos. O custeio variável é utilizado na geração de informações para auxiliar os gestores da empresa na tomada de decisão.

No custeio variável somente devem ser apropriados aos produtos ou serviços os gastos a eles associados, os demais gastos necessários para manter a estrutura produtiva, não devem ser considerados quanto ao custeamento dos produtos fabricados ou serviços prestados (WERNKE, 2005).

Santos, Schmidt e Pinheiro (2006) enfatizam que o sistema de custeio

2.4.3.1 Vantagens e desvantagens do custeio variável

No método de custeio variável existem vantagens e desvantagens, conforme Dubois, Kulpa e Souza (2006, p. 130), algumas dessas vantagens são:

- a) Elimina as variações nos resultados oriundos da quantidade produzida e vendida, uma vez que o lucro não é afetado por variações nos inventários.
- b) Facilidade de obtenção da margem de contribuição por tipo de produto elaborado.
- c) Maximização da margem de contribuição em valores totais mediante a visualização dos produtos com maior margem de contribuição unitária.
- d) É uma ferramenta adequada para a tomada de decisão, pois só considera como custo do produto os elementos variáveis.
- e) Facilita aos gestores industriais o entendimento do processo de custeio dos produtos, pois os custos variáveis são, geralmente, de sua responsabilidade. O custeamento variável é totalmente integrado com o custo padrão e o orçamento flexível, possibilitando o correto controle de custos.
- f) O custeamento variável proporciona maior clareza no planejamento do lucro e na tomada de decisão.
- g) Oferece condições para os gestores avaliarem o seu próprio desempenho de forma mais significativa, uma vez que eles só podem ser responsabilizados pelos custos variáveis (controláveis) e não por aqueles contratados pela alta direção, como os custos fixos.

Algumas das desvantagens deste método segundo Dubois, Kulpa e Souza (2006, p. 131), são:

- a) Dificuldade de segregação efetiva dos custos fixos e variáveis, como nos custos mistos. Isto é necessário, para maior exatidão dos elementos decisoriais.
- b) O custeio variável fere os princípios contábeis e por isso não é aceito para fins fiscais ou para o uso de terceiros, especialmente nas empresas de capital aberto.

Fazendo uma análise das vantagens e desvantagens apresentadas acima, nota-se que este método é muito utilizado no processo de tomada de decisão, devido a sua forma de atribuir ao produto somente os gastos variáveis, destinando os gastos fixos ao resultado do exercício.

2.5 ANÁLISE CUSTO/VOLUME/LUCRO (CVL)

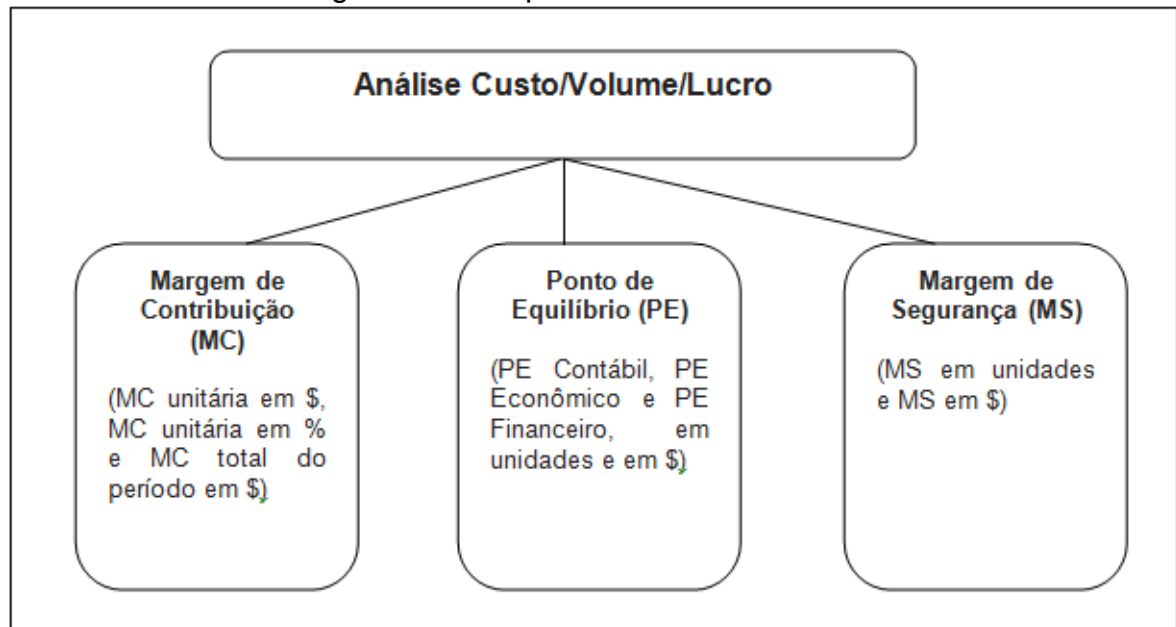
De acordo com Dubois, Kulpa e Souza (2006, p. 173), a análise CVL (custo/volume/lucro) é “um instrumento de planejamento que permite estudar e analisar a relação entre receitas totais, custos e despesas”.

A análise CVL é um modelo que possibilita prever o impacto, no lucro do

período ou no resultado projetado, de alterações ocorridas no volume vendido, nos preços de venda e nos valores de custos e despesas (WERNKE, 2005).

A Figura 4 mostra os componentes da análise custo/volume/lucro – CVL.

Figura 4 – Componentes da análise CVL



Fonte: Adaptado de Wernke (2005, p. 97).

Conclui-se que a análise CVL desenvolve informações importantes para um bom planejamento e para auxiliar na tomada de decisões. A seguir apresentam-se os conceitos dos componentes da análise CVL.

2.5.1 Margem de contribuição (MC)

A alta competitividade no mercado faz com que as empresas procurem identificar quais produtos estão gerando maior lucro, assim como, verificar se algum produto está dando prejuízo, e para isso, é necessário entender os custos relacionados aos produtos e a capacidade de cada produto para gerar receitas.

A margem de contribuição conceitua-se como o valor que cada unidade comercializada contribui para pagar os custos fixos mensais da empresa e gerar lucro no período (WERNKE, 2005).

Margem de contribuição é o valor restante destinado a cobrir os custos fixos e ainda formar o lucro esperado. Chama-se margem de contribuição de um produto, a parcela de receita que resta após deduzir os custos variáveis, unitários e/ou totais (BERTI, 2006).

A margem de contribuição é um instrumento importante para análise

gerencial, pois permite obter informações precisas e claras para tomada de decisão.

2.5.2 Ponto de equilíbrio (PE)

O termo ponto de equilíbrio refere-se à igualdade entre a receita e os custos de fabricação, ou seja, é o volume que a empresa precisa vender para não ter lucro nem prejuízo.

Conforme relatam Bruni e Famá (2004), o ponto equilíbrio representa o nível de vendas em que a empresa opera sem lucro ou prejuízo, ou seja, a quantidade de vendas que será necessária para a empresa pagar seus custos fixos e variáveis, sem gerar lucro.

Wernke (2005, p. 120) ressalta os tipos de ponto de equilíbrio existentes,

Na literatura são encontradas diversas modalidades de Ponto de Equilíbrio que permite suprir a necessidade de informações dos administradores em vários aspectos. Para tanto, as fórmulas de cálculo utilizadas são adaptadas ao contexto da informação requerida, por meio da:

- a) Retirada de alguns fatores da fórmula de cálculo (como alguns tipos de custos ou despesas não desembolsáveis);
- b) Introdução do valor de lucro que se pretende atingir (determinando-se uma meta a ser alcançada); ou,
- c) Inserção de pagamentos a serem efetuados no período analisado (quando, por exemplo, deseja adquirir algum bem ou liquidar alguma dívida no período).

Existem diversas modalidades de ponto de equilíbrio que suprem a necessidade de informações em diferentes aspectos, no Quadro 4, pode-se ver o conceito de alguns tipos de ponto de equilíbrio existentes.

Quadro 4 – Conceito dos diferentes tipos de ponto de equilíbrio

Ponto de Equilíbrio	Conceito
Contábil (PEC)	O PEC é obtido quando há volume (monetário ou físico) suficiente para cobrir todos os custos e despesas fixas, ou seja, o ponto em que não há lucro ou prejuízo contábil. É o ponto de igualdade entre a receita total e o custo total.
Econômico (PEE)	O PEE ocorre quando existe lucro na empresa e esta busca comparar e demonstrar o lucro da empresa em relação à taxa de atratividade que o mercado financeiro oferece ao capital investido.
Financeiro (PEF)	O PEF é representado pelo volume de vendas necessárias para que a empresa possa cumprir com seus compromissos financeiros.

Fonte: Adaptado de Crepaldi (2004).

Por meio do ponto de equilíbrio, a empresa poderá ter a informação do volume que precisa vender para não ter prejuízo e a quantidade vendida para

começar a obter lucro.

2.5.3 Margem de segurança (MS)

Margem de segurança é a quantia das vendas que ultrapassam as vendas da empresa no ponto de equilíbrio. Sendo assim, representa quanto às vendas podem cair sem dar prejuízo à empresa. A margem de segurança pode ser expressa em valor, unidade ou percentual (CREPALDI, 2004).

Meglierini (2007) relata que quanto maior for a margem de segurança, maior será o lucro da empresa, gerando assim uma posição satisfatória para que a organização possa atuar com maior segurança, sem se preocupar com a obtenção de prejuízo.

Diante disto, conclui-se que esta ferramenta contribui para a gestão da empresa, pois identifica o desempenho das vendas no período e a quantidade mínima que a empresa precisa vender para não ter prejuízo.

2.6 RETORNO SOBRE INVESTIMENTO OPERACIONAL (RIO)

O retorno sobre investimento operacional é uma ferramenta de grande importância para os gestores que querem analisar a situação econômica da empresa com base em indicadores de gestão.

Uma expressão de cálculo muito utilizada para definir o retorno sobre o investimento é a ROI (do inglês, *return on investment*) que é o resultado do lucro operacional, dividido pelo investimento. O lucro operacional é constituído da venda dos produtos, da atividade da empresa, já o investimento corresponde ao ativo líquido. Sua função é ajudar a identificar a atratividade econômica do investimento, que mostra a situação atual da empresa comparada aos seus concorrentes, e situações anteriores (KASSAI, et al; 2000).

De acordo com Santos, Marion e Segatti (2002, p. 128), “basicamente o RIO é a nova porcentagem do lucro obtido em determinado período, sobre o investimento efetuado para consegui-lo”.

Na Figura 5 pode-se ver a fórmula básica do RIO:

Figura 5 – Retorno sobre investimento operacional

$$\text{Retorno sobre Investimento Operacional} = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Investimento}}$$

Fonte: Adaptado Santos, Marion e Segatti (2002, p. 128).

Para um melhor entendimento da fórmula, é possível dividi-la em duas partes: giro do investimento e lucratividade. Segundo Santos, Marion e Segatti (2002) com a fórmula de giro do investimento é possível saber sobre a eficácia com que o investimento realizado proporcionou receitas para a empresa, o seja, quantas vezes foi possível transformar o investimento em vendas.

Figura 6 – Giro do investimento

$$\text{Giro do Investimento} = \frac{\text{Vendas}}{\text{Investimento}}$$

Fonte: Adaptado Santos, Marion e Segatti (2002, p. 128).

A segunda parte da fórmula é sobre a lucratividade, dividindo-se o lucro pelas vendas obtém a lucratividade da empresa.

Figura 7 – Lucratividade

$$\text{Lucratividade} = \frac{\text{Lucro}}{\text{Vendas}}$$

Fonte: Adaptado Santos, Marion e Segatti (2002, p. 128).

Dentro de um determinado período de tempo, o investimento poderá apresentar resultados positivos ou negativos (lucro ou prejuízo). Esse resultado é chamado de retorno. Há algumas técnicas para mensurar este retorno. Na visão de Gitman (2010, p. 203),

[...] costuma ser medido como distribuições de caixa durante o período mais a variação de valor, este, expresso como porcentagem do valor do investimento no início do período. Geralmente se define a expressão de cálculo da taxa de retorno obtida sobre qualquer ativo em qualquer período.

As empresas procuram investir, não para ter um lucro, mas sim para ter um retorno ideal para o investimento realizado. Porém, algumas vezes este retorno pode variar, em decorrência de vários aspectos oriundos do mercado de atuação.

Para Kassai et al. (2000, p. 14),

os investimentos são necessários e é saudável que haja políticas de incentivos. Entretanto, se não houver níveis de “retorno de investimento” satisfatórios, os investidores não estarão motivados para investir, se o fizerem, poderão estar comprometendo sua própria existência.

A análise econômica é de grande importância para as empresas e seus gestores, pois por meio dela, passam a conhecer e controlar de maneira mais eficiente seus investimentos, proporcionando assim, maior lucratividade.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa consiste em detalhar as formas e os processos utilizados para a elaboração do trabalho. Segundo Leopardi (2002, p. 163) “metodologia é a arte de dirigir o espírito na investigação da realidade por meio do estudo dos métodos, técnicas e procedimentos capazes de possibilitar o alcance dos objetivos”.

Neste capítulo apresentam-se os procedimentos que norteiam a pesquisa. Primeiramente aborda-se o enquadramento metodológico, em seguida, apresentam-se os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Em relação aos objetivos da pesquisa, este estudo se caracteriza como descritivo, pois de acordo com Jung (2004, p. 152), “o processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo”. Desta forma, esta pesquisa busca descrever os métodos utilizados no cálculo do retorno do investimento.

No que se refere à abordagem do problema, esta pesquisa se apresenta de forma qualitativa. Pois, segundo Gressler (2004), a abordagem qualitativa difere, em princípio, da abordagem quantitativa, à medida que não emprega instrumentos estatísticos como base do processo de análise. Assim, a escolha desta abordagem deve-se ao fato de que o estudo foi realizado a partir de análises e relatórios gerenciais, coletando informações necessárias para calcular o retorno sobre o investimento operacional.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa se classifica como pesquisa bibliográfica, documental e um estudo de caso. Gressler (2004, p. 55) afirma que o estudo de caso “dedica-se a estudos intensivos do passado, presente e de interações ambientais (socioeconômico, política e cultural) de uma unidade: indivíduo, grupo, instituições ou comunidade, selecionada por sua especificidade”.

A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Com estes conceitos, esta pesquisa será abordada por meio de referenciais teóricos, a

partir de livros, artigos científicos, e posteriormente será feito um estudo de caso levantando informações da empresa em estudo e identificando os custos da prestação de serviço e assim fazer o cálculo do retorno sobre o investimento.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi elaborado um estudo de caso em uma empresa de prestação de serviços na área de distribuição de energia elétrica, localizada em Araranguá - SC. Foram coletados os dados necessários para identificar os custos da prestação de serviço, esses dados foram fornecidos pelo gerente administrativo da empresa e pelo escritório de contabilidade.

Analizou-se os custos da empresa, dessa forma foi possível apresentar os passos para se chegar a um resultado correto e com informações capazes de auxiliar os gestores da empresa na análise do retorno do investimento.

Foram elaboradas planilhas para identificar os custos dos serviços prestados, que serão apresentadas no próximo capítulo.

4 ESTUDO DE CASO

Nesse capítulo apresenta-se a prática dos conceitos explanados na fundamentação teórica. Para desenvolver o estudo de caso escolheu-se uma empresa do ramo de prestação de serviços, localizada em Araranguá, que trabalha na área de distribuição de energia elétrica.

Inicialmente faz-se uma breve descrição da empresa e seus serviços. Em seguida explana-se o levantamento das informações necessárias para a aplicação da fórmula do RIO, usada para calcular o retorno do investimento.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

Ressalta-se que para fins deste estudo, a empresa é apresentada sob o nome fictício de SGB Engenharia Elétrica LTDA. A entidade atua no mercado de prestação de serviços de manutenção e instalação de energia elétrica, desde 1978, e está localizada em Araranguá – SC.

4.1.1 Histórico

A SGB Engenharia Elétrica LTDA é uma empresa que desenvolve suas atividades no ramo de prestação de serviços de manutenção e instalação de energia elétrica. Em 1978 iniciou suas atividades na cidade de Criciúma – SC até final de 1979, quando teve alterações dos sócios e da sede, mudando-se para a cidade de Araranguá – SC, onde permanece até os dias atuais.

A Figura 8 representa a prestação de serviços na área de distribuição de energia elétrica.

Figura 8 – Prestação de serviços.

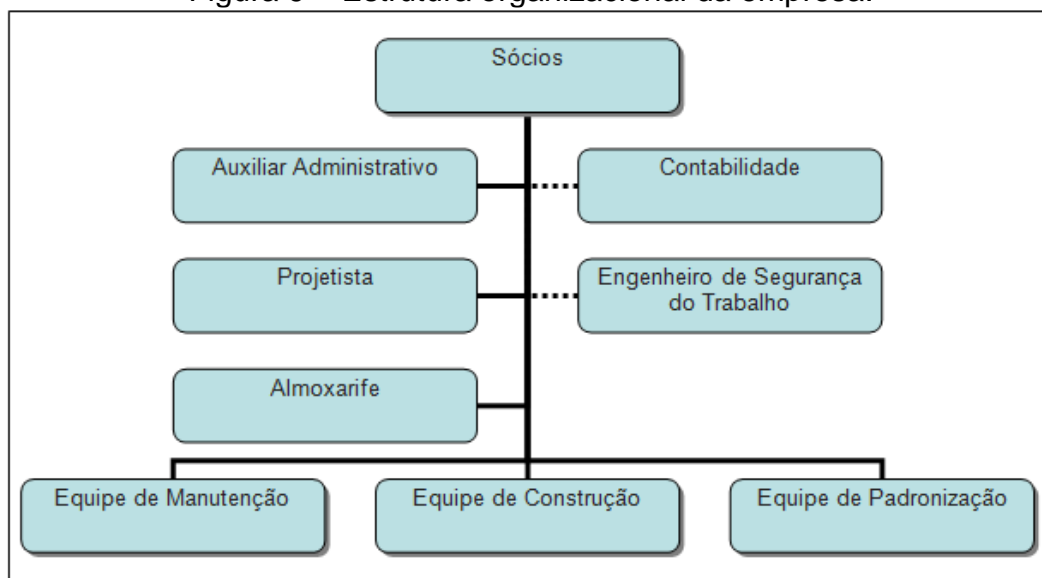


Fonte: Elaborado pela autora (2017).

4.1.2 Estrutura organizacional

A estrutura organizacional da empresa e seus respectivos cargos estão descritos na Figura 9.

Figura 9 – Estrutura organizacional da empresa.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Os sócios da empresa são também os engenheiros eletricitas, sua atividade é responder pela responsabilidade técnica da empresa; realizar projetos de redes; coordenar e supervisionar trabalhos nas linhas e redes de distribuição de energia elétrica.

A função do auxiliar administrativo é organizar documentos para Celesc; cuidar das contas a pagar e receber; realizar serviços de banco; efetuar controle de fluxo de caixa; realizar orçamentos e compra de materiais; realizar viagem a serviço da empresa; cuidar da documentação dos veículos; emitir a folha ponto dos trabalhadores e realizar o pagamento dos funcionários.

As equipes são constituídas por um motorista, montador e o encarregado, o que muda de uma equipe para outra é o número de funcionários que fazem parte da mesma. Eles são os responsáveis pela execução do serviço prestado.

4.1.3 Serviços prestados

A empresa objeto de estudo, tem como atividade a prestação de serviços na área de distribuição de energia elétrica. Atualmente trabalha em parceria com a CELESC, no sistema de terceirização da mão de obra da manutenção e construção

de redes de distribuição elétrica.

A SGB desenvolve projetos e execução de entradas de energia elétrica para indústrias, loteamentos particulares, padronização de entrada de energia elétrica, tanto residencial, como comercial e industrial.

A empresa também presta serviços de manutenção de iluminação pública para prefeituras da região e outros serviços para cooperativas de energia elétrica.

4.1.4 Clientes

Os clientes da empresa em estudos são da região sul de Santa Catarina, a SGB presta seus serviços para indústrias, prefeituras, construtoras, centrais de energias, cooperativas de energia elétrica, entre outras. O Quadro 5 mostra alguns de seus principais clientes.

Quadro 5 – Principais clientes

PRINCIPAIS CLIENTES	
Celesc Distribuição S.A	Prefeitura Municipal de Araranguá
Construtora Edifica Ltda	Prefeitura Municipal de Balneário Arroio do Silva
Construtora Toreti	Prefeitura Municipal de Maracajá
Construtora Antares	Cerjama Cooperativa Rural de Jacinto Machado
Construtora Ímpar	Cersul Cooperativa de Eletrificação Sul Cat.
Construtora Atual Ltda	

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Dentre os clientes citados, a CELESC é o principal, pois consome 90% dos serviços prestados pela SGB.

4.1.5 Contabilidade e regime tributário

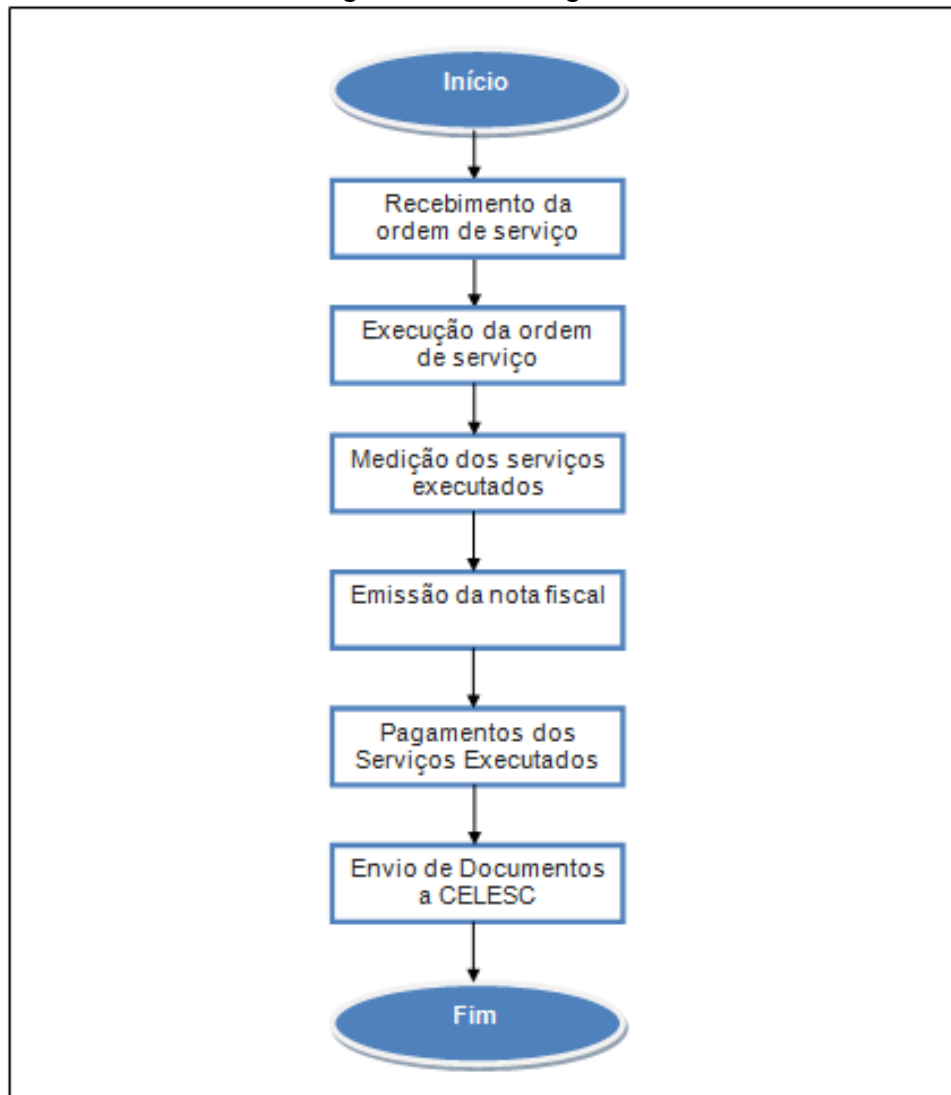
Os serviços de contabilidade são realizados por um escritório contábil terceirizado, que realiza todos os procedimentos necessários.

A SGB é uma empresa de natureza limitada e está enquadrada no regime tributário pelo lucro presumido.

4.2 FLUXOGRAMA

O fluxograma tem por objetivo descrever as atividades desenvolvidas pela empresa na prestação de seus serviços. Para ilustrar melhor o processo, a Figura 10 traz o fluxograma da SGB.

Figura 10 – Fluxograma



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Na SGB as atividades têm o seu início no momento que é recebida a ordem de serviço. Depois de selecionar a equipe que prestará o serviço é executada a ordem de serviço, em seguida ocorre a medição dos serviços executados. Logo após, é emitida a nota fiscal e enviada para a empresa contratante ou o responsável pelo contrato dos serviços realizados, e para finalizar é recebido o pagamento pelo serviço realizado.

4.3 DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

Nesta etapa do estudo são apresentadas as informações relacionadas ao estudo de caso, onde serão analisados os dados coletados do último trimestre de 2016.

4.3.1 Custos variáveis

Os custos variáveis são aqueles que tendem a sofrer alterações de acordo com a quantidade de produtos ou serviços comercializados. O Quadro 6 apresenta esses custos.

Quadro 6 – Custos variáveis

DESCRIÇÃO	4T - 2016
(-) Custos Variáveis	R\$ 296.500,13
Custo da matéria-prima e insumos	R\$ 7.403,48
Mão de obra direta	R\$ 289.096,65

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Neste caso têm-se como custos variáveis o custo da matéria-prima e insumos e a mão de obra, totalizando o valor de R\$ 296.500,13. Observa-se que a mão de obra equivale a 97,50% dos custos variáveis, enquanto os custos da matéria-prima e insumos equivalem a 2,50%.

4.3.2 Despesas variáveis

Despesas variáveis são aquelas que variam de acordo com o volume de vendas ou serviços feitos em determinado período. No quadro 7 pode-se observar as despesas variáveis incorridas no período analisado.

Quadro 7 – Despesas variáveis

DESCRIÇÃO	4T - 2016
(-) Despesas Variáveis	R\$ 7.848,10
Comissões	R\$ 7.848,10

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

No período analisado, ocorreram apenas gastos de comissões, no valor de R\$ 7.848,10, que equivale a 1,23% da receita líquida.

4.3.3 Custos fixos

São considerados custos fixos, os gastos que não variam de acordo com o volume de produção, ou seja, independente do movimento do período, os custos serão os mesmos. No quadro 8 observam-se os custos fixos do último trimestre de 2016.

Quadro 8 – Custos fixos

DESCRIÇÃO	4T – 2016
(-) Custos Fixos	R\$ 43.865,22
Depreciação	R\$ 32.490,22
Outros Custos	R\$ 11.375,00

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Os custos fixos no período analisado representam um montante de R\$ 43.865,22, que equivale a 6,89% da receita líquida e 27,83% dos gastos fixos.

4.3.4 Despesas fixas

As despesas fixas são caracterizadas por não sofrerem alteração, independente do volume de produção. No quadro 9, apresenta-se a composição das despesas fixas.

Quadro 9 – Despesas fixas

DESCRIÇÃO	4T – 2016
(-) Despesas Fixas	R\$ 113.755,41
Salários	R\$ 47.357,38
Pró-Labore	R\$ 30.346,50
Energia Elétrica	R\$ 4.024,55
Depreciação	R\$ 4.874,36
Telefone	R\$ 4.094,01
Seguros	R\$ 894,49
Combustíveis e lubrificantes	R\$ 840,32
Despesas diversas	R\$ 3.696,58
Despesas com Impostos sobre o lucro	R\$ 17.277,17
Juros financeiros	R\$ 350,05

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme o resultado apresentado verifica-se que os valores de maior expressão nas despesas fixas foram o pró-labore e salários, que representam 68,31% do total das despesas fixas.

Os gastos com despesas com impostos sobre o lucro representam 15,19% das despesas fixas, sendo em valor R\$ 17.277,17.

Foi gasto R\$ 4.874,36 em depreciação, que representam 4,28% das despesas fixas.

4.3.5 Análise do resultado

Apresenta-se, neste tópico, o demonstrativo de resultado, o qual engloba todos os tópicos citados anteriormente. É por meio dele que são analisados os resultados finais. No quadro 10 pode-se observar os resultados do período analisado.

Quadro 10 – Demonstrativo de resultado

Demonstrativo de Resultado	4T16	av%
RECEITA BRUTA	R\$ 705.637,53	110,80%
Revenda de Mercadorias a Vista	R\$ 17.500,00	2,75%
Serviços Prestados a Prazo	R\$ 688.137,53	108,05%
(-) DEDUCOES DA RECEITA BRUTA	R\$ 68.771,10	10,80%
PIS s/ Vendas e Serviços	R\$ 5.271,33	0,83%
COFINS s/ Venda e Serviços	R\$ 24.329,25	3,82%
ISQN s/ Serviços	R\$ 22.951,02	3,60%
Contr. Previd. s/ Receita Bruta	R\$ 16.219,50	2,55%
RECEITA LÍQUIDA	R\$ 636.866,43	100,00%
(-) Gastos Variáveis	R\$ 304.348,23	47,79%
(-) Custos Variáveis	R\$ 296.500,13	46,56%
Custo das materias primas e insulmos	R\$ 7.403,48	1,16%
Mão de obra direta	R\$ 289.096,65	45,39%
(-) Despesas Variáveis	R\$ 7.848,10	1,23%
Comissões	R\$ 7.848,10	1,23%
= MARGEMDE CONTRIBUIÇÃO	R\$ 332.518,20	52,21%
(-) Gastos Fixos	R\$ 140.343,46	22,04%
(-) Custos Fixos	R\$ 43.865,22	6,89%
Depreciação	R\$ 32.490,22	5,10%
Outros Custos	R\$ 11.375,00	1,79%
(-) Despesas Fixas	R\$ 96.478,24	15,15%
Salários	R\$ 47.357,38	7,44%
Pró-Labore	R\$ 30.346,50	4,76%

Continua...

Continuação.

Energia Elétrica	R\$	4.024,55	0,63%
Depreciação	R\$	4.874,36	0,77%
Telefone	R\$	4.094,01	0,64%
Seguros	R\$	894,49	0,14%
Combustíveis e lubrificantes	R\$	840,32	0,13%
Despesas diversas	R\$	3.696,58	0,58%
Juros financeiros	R\$	350,05	0,05%
RESULTADO ANTES DOS TRIBUTOS SOBRE O LUCRO	R\$	192.174,74	30,18%
Contribuição Social e Imposto de Renda	R\$	17.277,17	2,71%
RESULTADO LÍQUIDO DO PERÍODO	R\$	174.897,57	27,46%

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O demonstrativo de resultado do exercício apresenta receitas líquidas com vendas e serviços no valor de R\$ 636.866,43, deduzindo-se os gastos variáveis de R\$ 304.348,23, que equivale a 47,79% da receita líquida, resultando em uma margem de contribuição de R\$ 332.518,20, equivalente a 52,21% da receita líquida. Os gastos fixos somaram R\$ 140.343,46, chegando ao resultando antes dos tributos sobre o lucro de R\$ 192.174,74, deduzindo-se a contribuição social e imposto de renda, obtém-se o resultado líquido do período de R\$ 174.897,57, com um percentual de 27,46% da receita líquida.

4.4 ANÁLISE CUSTO/VOLUME/LUCRO

A ferramenta de análise custo/volume/lucro, relaciona a estrutura de custos ao volume de vendas e a lucratividade.

Os indicadores auxiliam na tomada de decisão, mostrando o desempenho da empresa no 4º trimestre de 2016. As análises foram feitas pela margem de contribuição, ponto de equilíbrio e margem de segurança.

4.4.1 Margem de contribuição

O cálculo da margem de contribuição é feito pela dedução dos custos e despesas variáveis do montante da receita líquida. No Quadro 11, observa-se a margem de contribuição do período.

Quadro 11 – Margem de contribuição

Indicadores	4T16
Margem de Contribuição	
Total R\$	R\$ 332.518,20
Total %	52,21%

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

No período analisado, o resultado da margem de contribuição foi de R\$ 332.518,20, representando 52,21% da receita líquida.

Sendo assim, o valor da margem de contribuição deve ser capaz de cobrir todos os gastos fixos e gerar lucro para a empresa.

4.4.2 Ponto de equilíbrio

O ponto de equilíbrio representa o valor que a empresa precisa vender para não obter lucro nem prejuízo, ou seja, que seu resultado seja igual a zero. No Quadro 12, apresenta-se o ponto de equilíbrio contábil.

Quadro 12 – Ponto de equilíbrio contábil

Indicadores		4T16
Fórmula	Ponto de Equilíbrio Contábil = $\frac{\text{Gastos Fixos + CSSL, IR e Adicional}}{\text{Margem de Contribuição \%}}$	
Cálculo	=	$\frac{\text{R\$ 140.343,46} + \text{R\$ 17.277,17}}{52,21\%}$
	Contábil R\$	301.888,10

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Observando o quadro, verifica-se que o ponto de equilíbrio contábil do último trimestre de 2016 resultou em um valor de R\$ 301.888,10. Ou seja, é necessário que a empresa venda seus serviços a esse valor, para que a margem de segurança seja capaz de cobrir os custos e despesas fixas.

O Quadro 13 apresenta o ponto de equilíbrio financeiro.

Quadro 13 – Ponto de equilíbrio financeiro

Indicadores		4T16	
Fórmula	Ponto de Equilíbrio Financeiro = $\frac{\text{Gatos Fixos} + \text{Des. Fin} + \text{Impostos S/Lucro} - \text{Depreciação}}{\text{Margem do Contribuição \%}}$		
Cálculo	Gastos Fixos	R\$	140.343,46
	Empréstimos	R\$	14.000,00
	Depesas com Imposto sobre os lucros	R\$	17.277,17
	Depreciação	-R\$	37.364,58
	=		
	Margem do Contribuição %		52,21%
Financeiro R\$			257.138,32

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

No aspecto financeiro, a empresa necessita faturar R\$ 257.138,32 para atingir o ponto de equilíbrio do período calculado.

O Quadro 14 mostra o ponto de equilíbrio econômico.

Quadro 14 – Ponto de equilíbrio econômico

Indicadores		4T16	
Fórmula	Ponto de Equilíbrio Econômico = $\frac{\text{Gatos Fixos} + \text{Impostos S/Lucro} + \text{Lucro}}{\text{Margem do Contribuição \%}}$		
Cálculo	Gastos Fixos	R\$	140.343,46
	Despesas com Imposto sobre os lucros	R\$	17.277,17
	Lucro desejado	R\$	30.000,00
	=		
	Margem do Contribuição %		52,21%
	Econômico R\$		359.346,59

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Para alcançar o ponto de equilíbrio econômico, somam-se todos os gastos fixos e a margem de retorno desejada no valor de R\$ 30.000,00. Após dividir-se pela margem de contribuição em percentual, resultando em um montante de R\$ 359.346,59.

4.4.3 Margem de segurança

A margem de segurança representa a quantidade ou valor vendido acima do ponto de equilíbrio. O valor resultante mostra quanto as vendas podem cair sem que a empresa tenha prejuízo.

Segue o Quadro 15, que indica o valor da margem de segurança.

Quadro 15 – Margem de segurança

Indicadores		4T16
Fórmula	Margem de Segurança = Receita Líquida - Ponto de Equilíbrio Contábil	
Cálculo	Receita líquida	R\$ 636.866,43
	(-) Ponto de Equilíbrio Contábil	R\$ 301.888,10
	Margem de segurança R\$	334.978,33

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

No quadro 15, observa-se que o faturamento da empresa, no período verificado, pode cair R\$ 334.978,33 sem que ela opere com prejuízo.

4.5 RETORNO DO INVESTIMENTO OPERACIONAL

O retorno sobre investimento operacional é uma ferramenta de grande importância para os gestores que querem analisar a situação econômica da empresa com base em indicadores de gestão.

No Quadro 16 apresenta-se o índice da margem de contribuição.

Quadro 16 – Índice da margem de contribuição

Índice da Margem de Contribuição =	$\frac{\text{Margem de Contribuição em R\$}}{\text{Vendas}} = \frac{332.518,20}{636.866,43}$	52,21%
------------------------------------	--	---------------

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O valor da margem de contribuição totaliza R\$ 332.518,20 sobre as vendas, que possuem um montante no valor de R\$ 636.866,43. O resultado é um índice de 52,21%, ou seja, é a porcentagem que sobrou da receita para a recuperação dos custos e despesas fixas, a fim de apurar o lucro líquido.

No Quadro 17 pode-se observar o índice do custo variável.

Quadro 17 – Índice dos gastos variáveis

Índice dos Gastos Variáveis =	$\frac{\text{Gastos Variáveis}}{\text{Vendas}} = \frac{304.348,23}{636.866,43}$	47,79%
-------------------------------	---	---------------

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O índice do custo variável é a porcentagem do custo variável em relação às vendas, e permite, aqui, observar que os custos variáveis na prestação dos serviços representam 47,79% do valor das vendas.

No Quadro 18, pode-se analisar o cálculo do retorno sobre o investimento operacional.

Quadro 18 – Retorno sobre o investimento operacional

Retorno sobre o Investimento Operacional =	$\frac{\text{Lucro Operacional Líquido}}{\text{Investimentos}}$	$\frac{174.897,57}{461.968,86}$	37,86%
--	---	---------------------------------	---------------

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O retorno sobre o investimento operacional totaliza 37,86%, sendo esta a porcentagem do lucro obtido sobre os investimentos efetuados no último trimestre de 2016. Este valor também pode ser alcançado multiplicando o giro do investimento pela porcentagem da lucratividade em questão.

O Quadro 19, portanto, apresenta o cálculo do giro do investimento da empresa prestadora de serviços.

Quadro 19 – Giro do Investimento

Giro do Investimento =	$\frac{\text{Vendas}}{\text{Investimentos}}$	$\frac{636.866,43}{461.968,86}$	1,38
------------------------	--	---------------------------------	-------------

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O giro de investimento resultou no valor de 1,38 demonstrando o número de vezes que foi possível transformar o investimento na prestação de serviço em vendas.

O Quadro 20 evidencia a porcentagem do lucro sobre as vendas, sendo o valor que demonstra a rentabilidade do negócio.

Quadro 20 – Lucratividade

Lucratividade =	$\frac{\text{Lucro}}{\text{Vendas}}$	$\frac{174.897,57}{636.866,43}$	27,46%
-----------------	--------------------------------------	---------------------------------	---------------

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

A lucratividade corresponde a 27,46% da receita, o que é considerado um bom retorno do investimento para empresa estudada. Em termos monetários, o lucro auferido faz com que a prestação de serviços na área de manutenção de energia elétrica, seja um empreendimento vantajoso para os investidores.

O Quadro 21 demonstra de forma sintetizada a análise da empresa.

Quadro 21 - Análise geral da empresa prestadora de serviços

RESULTADOS	Prestação de Serviços
1. Receita Líquida	636.866,43
2. Lucro Operacional Líquido	174.897,57
3. Investimento Médio	461.968,86
4. Lucratividade (2 /1)	27,46%
5. Giro do Investimento (1 / 3)	1,38
6. Retorno s/ Investimento (4 x 5)	37,86%

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Para uma gestão financeira saudável e eficaz, é fundamental criar métricas e acompanhar indicadores de desempenho, que fornecem uma visão assertiva dos resultados dos processos. Assim, o gestor pode identificar falhas, criar soluções e planos de melhorias, além de comparar os resultados obtidos com o planejamento que foi traçado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento tecnológico e o crescimento do mercado, as organizações se deparam com uma competitividade cada vez maior. Por isso, precisam estar sempre se adequando aos novos cenários, aperfeiçoando a qualidade dos serviços prestados, buscando um menor custo com o objetivo de conseguir uma lucratividade maior mantendo o serviço de qualidade. Deste modo, para que as empresas se mantenham competitivas e rentáveis no mercado, é de grande importância conhecer os custos da prestação do serviço e o retorno do seu investimento.

Verificada a importância do assunto, com o presente estudo objetivou-se analisar os custos dos serviços prestados, em uma empresa de prestação de serviço na área de distribuição de energia elétrica, no último trimestre de 2016. Foram apresentadas as etapas do processo de prestação do serviço, identificando os gastos fixos e variáveis da empresa em estudo. Dos custos variáveis, o custo mais evidente foi a mão de obra, por se tratar de uma prestação de serviços. O método de custeio utilizado foi o custeio variável.

O objetivo geral foi alcançado na medida em que os objetivos específicos foram sendo atingidos. Iniciou-se no capítulo 2, com o estudo das nomenclaturas, as classificações e os métodos de custeio, concretizando-se no capítulo 4, onde foram apresentados os custos envolvidos na prestação do serviço, o método gerencial de apuração de resultado e o cálculo de retorno sobre o investimento.

O primeiro objetivo específico que consiste em levantar informações sobre os serviços prestados pela empresa foi atingido. Foram abordadas informações econômicas e as características da empresa e seus serviços.

O segundo objetivo específico também foi atingido, pois foram analisados os custos envolvidos na prestação do serviço. Nessa etapa foram levantados todos os custos dos serviços. Essas informações foram recolhidas por meio de relatórios disponibilizados pela empresa e pelo escritório de contabilidade. Posteriormente foi realizada a classificação dos custos e despesas, separando-os em variáveis ou fixos. Percebe-se que essa separação é fundamental para calcular a lucratividade da empresa.

O terceiro objetivo que consiste em calcular o retorno do investimento na prestação dos serviços foi realizado. A análise econômica da empresa SGB

Engenharia Elétrica demonstrou que o investimento nos serviços prestados é lucrativo para os gestores, onde o resultado líquido do período representou 27,46% da receita líquida, totalizando o valor de R\$ 174.897,57. Ainda na análise econômica, foi possível observar que o retorno sobre o investimento operacional foi de 37,86%, sendo esta a porcentagem do lucro sobre os investimentos.

O indicador ponto de equilíbrio foi analisado, pois este é definido como o nível de vendas com o qual a margem de contribuição cobre apenas os gastos fixos e os impostos sobre o lucro, sendo que no total de vendas o lucro da empresa é igual a zero. O PEC resultou em um valor de R\$ 301.888,10, o PEF em um valor de R\$ 257.138,32 e o PEE em um montante de R\$ 359.346,59.

Desta forma, conclui-se que ao conhecer os custos, o gestor passou a ter um maior controle de seus gastos, mantendo-se firme no mercado, obtendo um melhor desempenho no processo de gestão da empresa.

A partir dos estudos apresentados nesta pesquisa, sugere-se a ampliação do período analisado, para assim ter um maior parâmetro de comparação entre os custos envolvidos na prestação de serviços.

REFERÊNCIAS

- BERTI, Anélio. **Contabilidade e análise de custos**. Curitiba: Juruá, 2006.
- BONFIM, Eunir de Amorim; PASSARELLI, João. **Custos e Formação de Preços**. 5. ed. São Paulo: Thomson, 2006.
- BRUNI, Adriano Leal; FAMÁ, Rubens. **Gestão de custos e formação de preços: com aplicações na calculadora HP 12C e excel**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de contabilidade de custos**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- _____. **Curso básico de contabilidade de custos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- DUBOIS, Alexy; KULPA, Luciana; SOUZA, Luiz Eurico de. **Gestão de custos e formação de preços**. São Paulo: Atlas, 2006.
- DUTRA, René Gomes. **Custos: uma abordagem prática**. 5 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2003.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração – Essencial**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2 ed. rev. Atual. São Paulo: Loyola, 2004. 295 p. Disponível em: <
<https://books.google.com.br/books?id=XHnajITNlIC&pg=PA53&dq=pesquisa+descritiva&sa=X&ei=d0WDU6GOLMTMsQSin4DgDw&hl=en#v=onepage&q=pesquisa%20descritiva&f=false>>. Acesso em: 16 out. 2016.
- JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia para pesquisa e desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil, 2004.
- KASSAI, José Robert [et al.]. **Retorno de investimento: Abordagem matemática e contábil do lucro empresarial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2002.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- _____. **Contabilidade de custos**. 9. ed. 6. reimpres. São Paulo: Atlas, 2006.
- _____. **Contabilidade de custos**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEGLIORINI, Evandir. **Custos:** análise e gestão. 2 ed. São Paulo: Pearson, 2007.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial:** um enfoque em sistema de informação contábil. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, Joel J.. **Análise de custos:** remodelado com ênfase para custo marginal; relatórios e estudos de caso. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Análise de custos:** remodelado com ênfase para sistema de custeio marginal, relatórios e estudos de casos. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SANTOS, Gilberto José dos. MARION, José Carlos. SEGATTI, Sonia. **Administração de custos na agropecuária.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, José Luiz dos; SCHMIDT, Paulo; PINHEIRO, Paulo Roberto. **Fundamentos de gestão estratégica de custos.** São Paulo: Atlas, 2006.

SCHIER, Carlos Ubiratan da Costa. **Gestão prática de custos.** Curitiba, PR: Juruá, 2004.

SOUZA, Alceu; CLEMENTE, Ademir. **Gestão de custos:** aplicações operacionais e estratégicas, exercícios resolvidos e propostos com utilização do EXCEL. São Paulo: Atlas, 2007.

STARK, José Antônio. **Contabilidade de custos.** São Paulo: Pearson Prentice Hall 2007.

WERNKE, Rodney. **Análise de custos e preço de venda:** ênfase em aplicações e casos nacionais. São Paulo: Saraiva, 2005.

_____. **Gestão de custos no comércio varejista.** Curitiba: Juruá, 2011.

_____. **Gestão de custos:** Uma abordagem Prática. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2004.